



Protagonista de um dos períodos mais ricos da vida brasileira, governante que mais tempo exerceu o poder em períodos democráticos no país, único presidente que obteve do Congresso a reeleição, articulador político como só Getúlio Vargas conseguiu ser, astuto como Tancredo Neves teria sido, conciliador como JK, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso já está, aos poucos, virando história. Deixa décadas de inflação descontrolada no passado, a retomada de uma forte agenda social e o fim de alguns gargalos na vida dos brasileiros: por exemplo, fez desaparecer as filas para os cidadãos terem acesso a um telefone. Quebrou tabus econômicos, como a privatização da Vale do Rio Doce e o fim do monopólio da Petrobras, e também políticos: reconheceu os mortos pela repressão política da ditadura militar de 64 e beneficiou-se da reeleição. Começou o mandato dizendo que era "fácil governar o Brasil". Frase da qual se arrependeria logo: poucos presidentes brasileiros expuseram a economia a tantas crises internacionais. Teve que desvalorizar o real, que o elegera, apenas 13 dias após a reeleição, em 1999. Como consequência das diversas crises cambiais — e de um apagão no meio do caminho — deixa um dos menores períodos de crescimento econômico das últimas décadas. Governou com uma ampla, mas tumultuada, base política — que ele chamou, certa vez, de "maioria desorganizada". Com aliados como ACM, Jader Barbalho e o PMDB, não precisou da oposição para criar crises. Mesmo assim, liderou um período de grande estabilidade política, único na História brasileira. Esta é a "Era FH", que O GLOBO retrata nas próximas 19 páginas. ■